

ESTA É A HORA DOS MONSTROS JULIA DEBASSE



PORTAS
VILASECA
GALERIA

*O velho mundo agoniza, um novo mundo
tarda a nascer, e, nesse claro-escuro,
irrompem os monstros.*

Antonio Gramsci

*The old world is dying, and the new
world struggles to be born: now is the
time of monsters.*

Antonio Gramsci



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A





JULIA DEBASSE

A mulher da mulher do padre, 2021

Acrílico sobre tela

97 x 67 cm

Edição: única

Flames Cast No Shadow, 2021

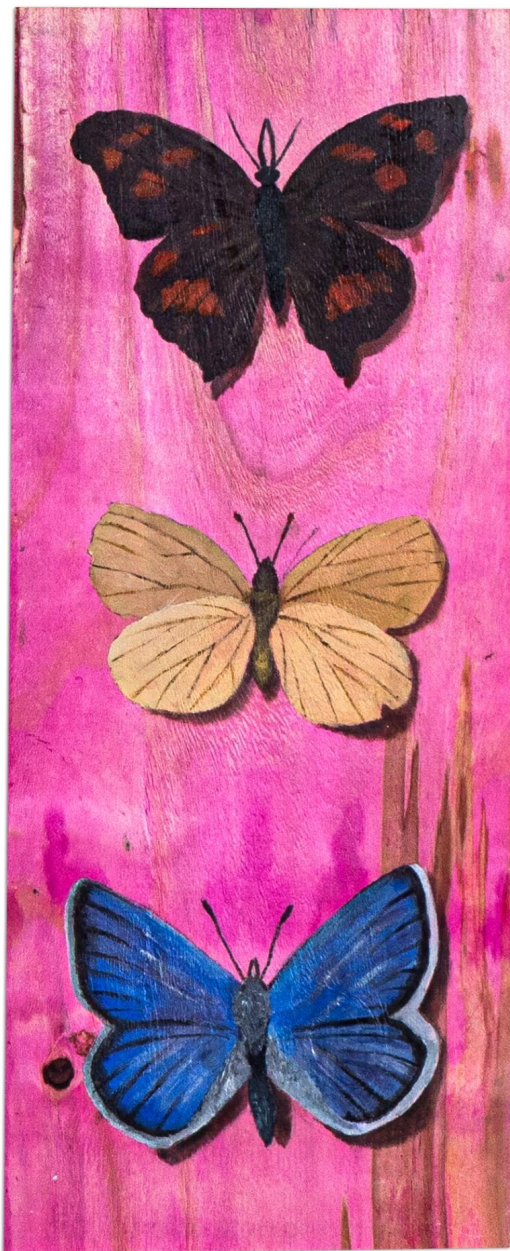
Acrylic on canvas

38.1 x 26.3 in

Edition: single

ESTA É A HORA
DOS MONSTROS
JULIA DEBASSE





JULIA DEBASSE

Não tem mais, 2021

Acrílica sobre madeirite

61.5 x 25 cm

Edição: única

Flown Away, 2021

Acrylic on plywood

24.2 x 9.8 in

Edition: single





JULIA DEBASSE

O Último Quatzacoatl, 2021

Acrílico sobre madeirite e OSB

133 x 200 cm

Edição: única

The Last Quatzacoatl, 2021

Acrylic on plywood and OSB

52.3 x 78.7 in

Edition: single







JULIA DEBASSE

Onça-boi, 2021

Acrílico sobre madeirite e OSB

55 x 28 cm

Edição: única

Onça-boi, 2021

Acrylic on plywood and OSB

21.6 x 11 in

Edition: single







JULIA DEBASSE

Revoada (Strange but not a stranger), 2021

Acrílico sobre tela

74 x 144 cm

Edição: única

Revoada (Strange but not a stranger), 2021

Acrylic on canvas

29.1 x 56.7 in

Edition: single







JULIA DEBASSE

Método Anticoncepcional, 2021

Acrílica sobre tela

107 x 160 cm

Edição: única

Birthcontrol, 2021

Acrylic on canvas

42.1 x 63 in

Edition: unique





JULIA DEBASSE

4 pássaros havaianos, 2021

Acrílico sobre OSB

50 x 50 cm

Edição: única

4 Hawaiian birds, 2021

Acrylic on OSB

19.6 x 19.6 in

Edition: single





JULIA DEBASSE

Land of Light, 2021

Acrílico sobre tela

156 x 136 cm

Edição: única

Land of Light, 2021

Acrylic on canvas

61.4 x 53.5 in

Edition: single













JULIA DEBASSE

Jardim das Esfinges (Tebas Tropical), 2021

Acrílica sobre tela

103 x 144 cm

Edição: única

Garden of the Sphinxes (Tropical Thebes), 2021

Acrylic on canvas

40.5 x 56.7 cm

Edition: unique



JULIA DEBASSE

Chonchon, 2021

Acrílico sobre madeirite e OSB

33 x 27 cm

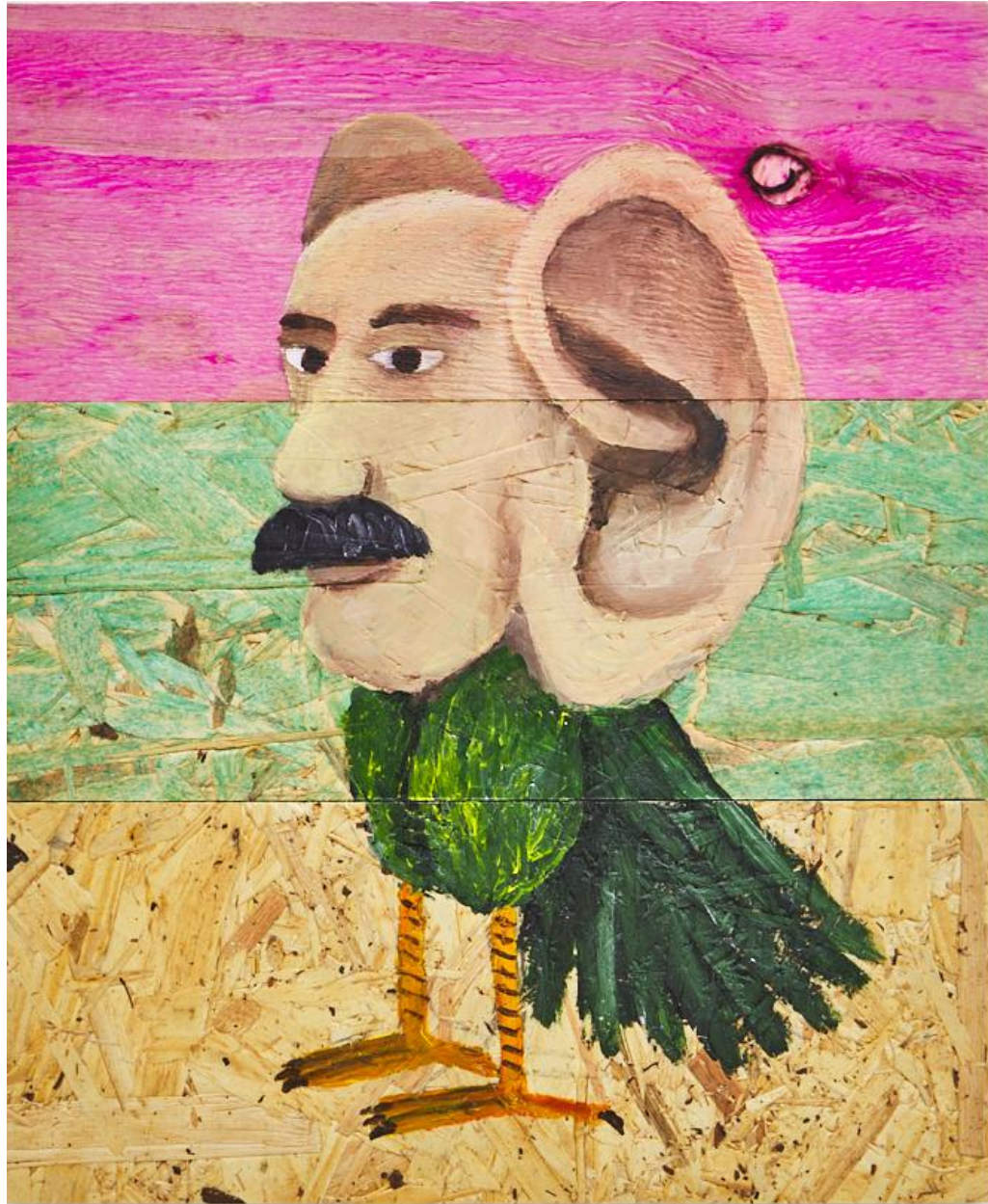
Edição: única

Chonchon, 2021

Acrylic on plywood and OSB

13 x 10.6 in

Edition: single









JULIA DEBASSE

Behemoth, Ziz e Leviatã (tríptico), 2021

Acrílico sobre papelão, cartolina e EVA

136 x 105 cm

Edição: única

Behemoth, Ziz and Leviathan (tríptych), 2021

Acrylic on cardboard, card paper and EVA board

53.5 x 41.3 in

Edition: single









Quem tem medo do hircocervo?

Clarissa Diniz

Antes de tudo, é preciso dizer que não se trata de iluminismo. Portanto, sem essa de trevas *ou* luz. Nem que seja somente durante o tempo necessário para percorrer a exposição de Julia Debasse, sugiro deixar de lado as metáforas da esperança como a luz no fim de um túnel qualquer e, assim, aproveitar a oportunidade para pausar o cd engasgado naquele verso que, repetido *ad nauseum*, lamenta estarmos vivendo tempos sombrios. Isto posto, a artista nos convoca a encarar o lusco-fusco.

É inegável que, antes do crepúsculo adquirir protagonismo em sua obra, Julia se demonstrava fascinada pela noite, pelo luar, pelo breu. São inúmeras as pinturas que, já nos idos de 2015, acolhiam, em suas sonâmbulas paisagens, fenômenos e figuras misteriosas. Ao mesmo tempo, talvez porque seduzida pela incandescência do rosa-choque que colore as cidades brasileiras através dos madeirites da construção civil, desde antes a artista vinha pirogravando sobre a radiância amagentada desse material. Experimentava, em desenhos de linhas queimadas, a força expressiva de grandes e luminosos campos róseos.

É também patente que, a partir de 2017, quando passou a morar em Fortaleza, Julia Debasse – que, vale mencionar, cresceu numa família de origem potiguar – viu-se em meio ao “mortífero derrame de luz” com o qual José Américo de Almeida designou a região do Cariri em 1923. A “Terra da Luz” – famoso epíteto que realiza a conversão simbólica da luminosidade geográfica do Ceará no gesto politicamente “iluminado” de libertar [sic] as pessoas escravizadas em 1884 (não custa calcular: quatro anos antes da Lei Áurea) – sugestionaria a pintura *Land of Light* (2021): uma evidência de que, em sua obra, Debasse não ofuscou o impacto da inebriante luz cearense desde a qual passou a perceber o mundo.

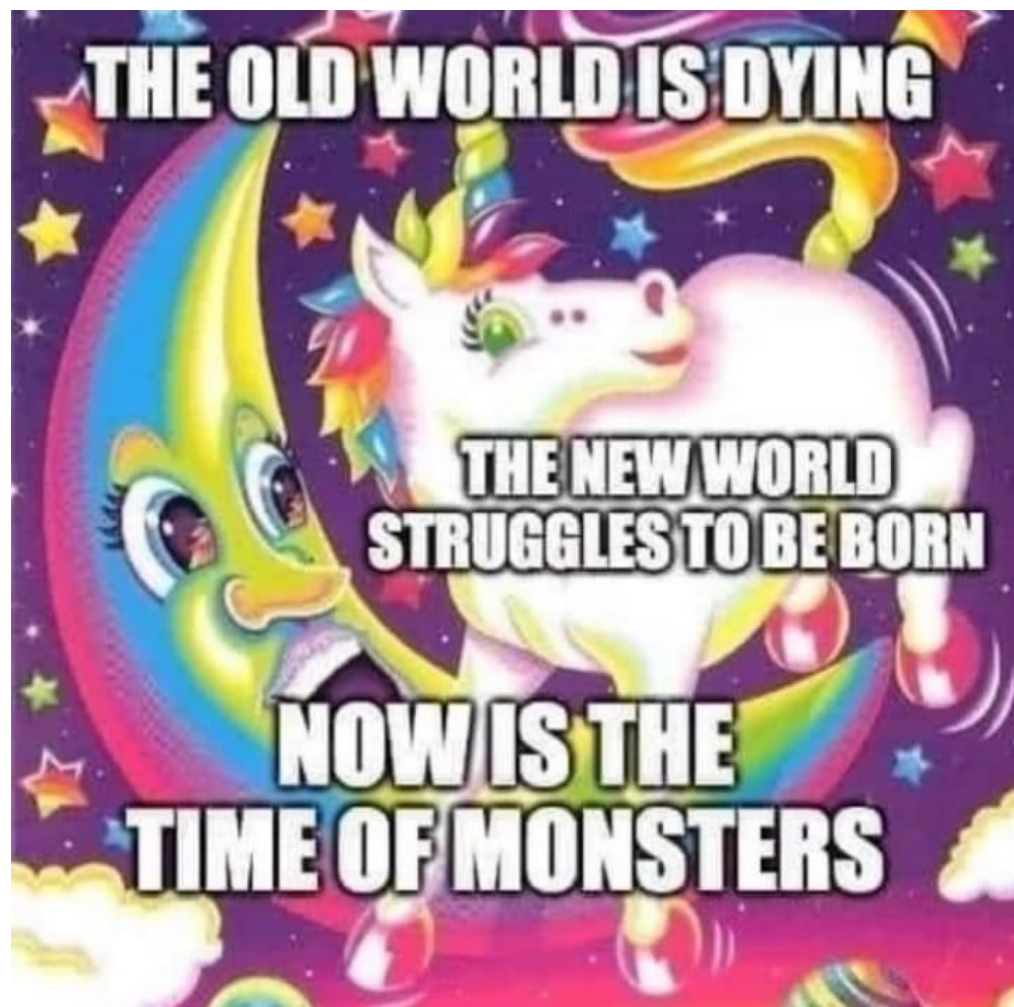
Pois bem. Entre a dimensão soturna de sua obra pregressa, a preponderância da cor em seu pensamento estético e a invasão luminosa que o Nordeste trouxe à sua pintura, faz-se o lusco-fusco: aquele momento cuja beleza de luz e de cor pode, como um canto de sereia emanado pelo sol, confundir nossa capacidade de enxergar com nitidez e mesmo cegar-nos por instantes.

Neste ponto, lembro da instrutora da autoescola advertindo seus ansiosos alunos sobre o risco de dirigir defronte ao famigerado fenômeno (os acidentes ocorridos durante o nascer ou o pôr do sol chegam a assustadores 30% das ocorrências de trânsito no Brasil, afirma a Polícia Rodoviária Federal). O lusco-fusco, por produzir indefinição, pode ser perigoso.

Ao que parece, Gramsci teria pensado algo similar quando, preso pelo regime fascista de Mussolini, anotou num de seus cadernos do período de cárcere: *“A crise consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer; nesse interregno, uma grande variedade de sintomas mórbidos aparecem”*^[1]. Entre o reino do dia e o da noite – donde a monarquista expressão *interregnum* –, o crepúsculo cega mesmo a quem pode enxergar, dando à luz a visões inesperadas, donde a conhecida versão de Slavoj Žizek para a reflexão gramsciana: *“O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros”*^[2].

Para os três – Gramsci, Žizek e a instrutora da autoescola de cujo nome, infelizmente, já não me lembro –, essas monstruosas criaturas do lusco-fusco são sintomaticamente mórbidas. Para Debasse, contudo, outras interpretações e relações são possíveis. Por isso, foi como a um espelho que a artista recebeu o rosíssimo e esplendorosíssimo meme que, estampando a frase de Gramsci na versão do barbado filósofo esloveno, ostenta um amostrado e garboso unicórnio que impressiona até mesmo a lua, rainha do lusco-fusco.

Plenamente identificada com a “oportunidade” fabulatória que ambos – o lusco-fusco e o interregno – ensejam, nos últimos tempos Julia tem se dedicado a criar alguns desses tão temidos monstros. Não se trata, contudo, de um exercício da fantasia.



THE OLD WORLD IS DYING

**THE NEW WORLD
STRUGGLES TO BE BORN**

**NOW IS THE
TIME OF MONSTERS**

No interregno que, oxalá, estamos atravessando, o compromisso ético-político de não perder a historicidade de vista talvez demande que a fabulação seja elaborada em fricção com a creditada “realidade”. Como fabular não é escapar ao que está posto, mas agir criadoramente sobre o mundo, o que instiga Debasse não é uma abordagem de ares psicanalíticos que analise seus “monstros interiores”; tampouco a tradição apocalíptica que, antecipando os fins, vai já colonizando Marte para garantir o privilégio da vida de alguns em meio à extinção da espécie. Sua monstrialização não quer ser, portanto, um adiantamento simbólico do conforto ontologicamente possível em meio ao trauma.

Sem negar a disforia dos tempos, é antes a própria historicidade dos monstros e seus singulares habitats que instiga a artista, em razão do que ela cascavilha museus, enciclopédias, bestiários. Fascinada por dinossauros desde a infância, Debasse cresceu na presença desses já extintos animais e, talvez por isso, sabe que eles estão aqui, existindo por meio da linguagem, da imaginação e da ciência.

Também Aristóteles estava atento às relações entre linguagem e presença, refletindo – *aristotelicamente*, diríamos hoje – acerca da ambivalente condição de que a “designação” de algo não implica em sua “existência”. Por isso, logo no começo de *Da interpretação* (no longínquo 300-e-tanto a.C.), toma o exemplo do hircocervo – uma criatura fabular metade veado, metade bode – para perguntar se seria possível “provar ambas, a natureza da coisa e a sua existência mesma, por meio de um único método”. Sua assunção final, a de que “a definição e a demonstração provam cada qual uma coisa” e que, por isso, “‘o que é o homem’ e ‘que o homem existe’ são duas questões distintas”, seria, com a virada linguística do século XX, profundamente questionada. Assim, uma artista como Julia Debasse hoje habita e coproduz um território de linguagem que, sendo fabulatório, é também irremediavelmente compreendido como existente. Salvo engano, ela não tem medo do hircocervo.

Vivendo sob a égide da ‘pós-verdade’ e das *fake news*, a artista sabe, todavia, que a linguagem deve ser questionada. Se é a historicidade que sustenta sua concretude, é também ela que a torna contingente e, assim, passível de ser criticada e desconstruída. Nessa direção, as criaturas que habitam a exposição *Essa é a hora dos monstros* – seres extintos, míticos e, alguns, imaginados por Julia – equilibram-se sob o afiado fio de navalha que a um só tempo separa e aproxima a ficção do pensamento histórico.

Desafio ao qual, por sua vez, também Gramsci estava atento quando, numa carta à sua cunhada Tatiana, refletindo sobre os dilemas ético-políticos da outrora chamada “história natural” e empatizando com Georges Cuvier (popularmente considerado o “pai da paleontologia”), ponderava: “A partir de um ossinho, Cuvier reconstruía um megatério ou um mastodonte, mas pode acontecer que, com um pedacinho do rabo de um rato, termine sendo reconstruída uma serpente marinha”. Como adverte Marco Lucchesi, talvez seja mesmo útil temer o hircocervo, “a fera perigosa da lógica formal”.

Se o raciocínio dedutivo do silogismo é a armadilha formal da lógica, talvez a verossimilhança seja uma arapuca formal para a fabulação. Como desvio a essas capturas, Julia Debasse escolhe o delírio e, distante de uma abordagem naturalista do lusco-fusco, trata suas paisagens, pinturas e seres quase como fundos de tela do Windows cujas reproduções em *canvas* talvez pudessem estar à venda nas feirinhas das orlas de cidades como o Rio de Janeiro, Fortaleza ou Belém: lugares onde a artista e alguns de seus amigos pintores muito aprendem sobre forma (e esta afirmação, entenda-se, não é uma ironia).

Para além das figuras e das situações extraordinárias de suas pinturas, é justamente em seus aspectos formais que a obra de Debasse sustenta a dimensão alucinatória do projeto de fabular não apenas monstros, como também a historicidade da própria ideia das bestas, das criaturas míticas ou das imagens que inventamos para os seres que não pudemos conhecer.

Assim, a planaridade de suas figurações, a indelicadeza da fatura, a pressa das transições de cor, o uso de soluções pictóricas mais comuns a pinturas de bar do que ao imaginário das belas-artes, o emprego de caixas de pizza ou madeirites como superfícies para suas obras e a exploração de uma paleta saturada salvaguardam não só a intenção de não-verossimilhança de Julia Debasse como, mais do que isso, apontam para a contingência estética, histórica e política de seu monstruoso imaginário.

Fazer o sertão, o céu e o mar coincidirem em *Land of Light*; colocar uma baleia para voar em *Strange but not a stranger*; vingativamente matar o boto-cor-de-rosa em *Método anticoncepcional*; imaginar todo um ecossistema em *Essa é a hora dos monstros* (em parceria com Carol Dantas); naturalisticamente evocar a presença de borboletas extintas em *Não tem mais*; representar não apenas uma, mas logo duas (!) *Onça-boi* e outros gestos que conferem presença não ao inimaginável, senão ao que *ainda não* (ou poucas vezes) *foi imaginado* são, assim, os gestos políticos de Julia Debasse em meio do interregno desse lusco-fusco chamado Brasil.

Suas figuras não salvam ou iluminam nosso atual crepúsculo: elas o habitam. São criaturas de mundos em transição. Se alimentam de restos e sobrevivem mesmo nos mais tóxicos ambientes, como previne *O Jardim das Esfinges (Tebas Tropical)*. Delas não devemos esperar qualquer tipo de revelação. Ainda assim, elas resistem. Oferecem sua existência fabular como arma contra outras – protofascistas e peçonhentas – fabulações, da mamadeira de piroca à gripezinha.

Quem tem medo do hircocervo, afinal?

[1] Do original “La crisi consiste appunto nel fatto che il vecchio muore e il nuovo non può nascere: in questo interregno si verificano i fenomeni morbosi piú svariati”, como anotado no segundo volume do *III Cadernos do Cárcere* (1930) de Antonio Gramsci.

[2] “The old world is dying, and the new world struggles to be born: now is the time of monsters”. Última frase do texto “A permanent economic emergency”, de Slavoj Žižek. Disponível clicando [aqui](#).

JULIA DEBASSE [Rio de Janeiro, RJ, 1985. Vive em Fortaleza, CE] estudou pintura por quatro anos com João Magalhães e Walter Goldfarb na Escola de Artes Visuais do Parque Lage - EAV (RJ). Em 2007, foi uma das 30 artistas jovens selecionadas para participar de uma série de palestras, cursos e workshops ministrados por vários artistas e críticos latino-americanos como Humberto Veléz, Vik Muniz, Cildo Meireles, Tonel, Los Carpinteiros, Luis Camnitzer, Fernando Cocchiarale, André Parente, entre outros. Em seus trabalhos, explora narrativas que combinam referências à "baixa" e à "alta cultura". Por meio da pintura e do desenho, a artista busca eliminar os espaços supostamente existentes entre essas esferas. Nos últimos anos, tem participado de inúmeras exposições coletivas, entre as quais destacamos: *Unifor Plástica XX* – curadoria de Denise Mattar, Centro Cultural Unifor, Fortaleza, CE (2019); *Mulher, Vírgula* - curadoria de Cecília Bedê, Centro Cultural Dragão do Mar, Fortaleza, CE (2018); *A luz que vela o corpo é a mesma que revela a tela* - curadoria de Bruno Miguel, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, RJ (2017) ; *Ficções* - curadoria de Daniela Name, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, RJ (2015), e *Figura Humana*, curadoria de Raphael Fonseca, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, RJ (2014). Entre as suas exposições individuais mais recentes, destaque para: *Altar*, Artur Fidalgo Galeria, Rio de Janeiro, RJ (2019); *Vila dos Mistérios – Projeto Technô*, curadoria de Alberto Saraiva, Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, RJ (2016); *Ao Meu Prezado Predador*, curadoria de Marcos Chaves, Artur Fidalgo Galeria, Rio de Janeiro, RJ (2014). Em 2016, Julia foi convidada a participar da segunda edição do projeto *Art'Oasis*, com curadoria de Giancarlo Neri, na cidade de Petrosino, Sicília (Itália), onde pintou um mural de 21 x 4,5 m. Suas obras compõem o acervo da coleção institucional do MAC Dragão do Mar, em Fortaleza, CE.

CLARISSA DINIZ [Recife, 1985. Vive no Rio de Janeiro, RJ] é curadora, escritora e professora em arte. Graduada em artes plásticas pela UFPE, mestre em história da arte pela UERJ e doutoranda em antropologia pela UFRJ, é atualmente professora da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Entre 2006 e 2015, foi editora da revista Tatuí (<http://www.revistatatui.com.br/>). Publicou inúmeros catálogos e livros, a exemplo de *Crachá – aspectos da legitimação artística* (Recife: Massangana, 2008) e *Gilberto Freyre* (Rio de Janeiro: Coleção Pensamento Crítico, Funarte, 2010; em coautoria com Gleyce Heitor). Tem textos publicados em revistas, livros e coletâneas sobre arte e crítica de arte brasileira, como *Criação e Crítica - Seminários Internacionais Museu da Vale* (2009); *Artes Visuais – coleção ensaios brasileiros contemporâneos* (Funarte, 2017); *Arte, censura, liberdade* (Cobogó, 2018), dentre outros. De curadorias desenvolvidas, destacam-se *Contrapensamento selvagem* (cocuradoria com Cayo Honorato, Orlando Maneschy e Paulo Herkenhoff. Instituto Itaú Cultural, SP); *O abrigo e o terreno* (cocuradoria com Paulo Herkenhoff. Museu de Arte do Rio – MAR, 2013); *Ambiguações* (Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2013); *Todo mundo é, exceto quem não é – 13ª Bienal Naifs do Brasil* (SESC Piracicaba, 2016 e Sesc Belezinho, 2017); *Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena* (cocuradoria com Sandra Benites, Pablo Lafuente e José Ribamar Bessa. MAR, 2017); *Rio do samba: resistência e reinvenção* (cocuradoria com Evandro Salles, Marcelo Campos e Nei Lopes. MAR, 2018) e *À Nordeste* (cocuradoria com Bitu Cassundé e Marcelo Campos. Sesc 24 de Maio, São Paulo, 2019).

ESTA É A HORA DOS MONSTROS

JULIA DEBASSE



TEXTO | TEXT **CLARISSA DINIZ**

24.06 - 14.08.2021

agende sua visita | book your visit:
galeria@portasvilaseca.com.br

RUA DONA MARIANA 137 CASA 2
BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO
PORTASVILASECA.COM.BR
+55 21 2274 5965



ESTA É A HORA DOS MONSTROS

THIS IS THE TIME FOR MONSTERS

Equipe / Team

Produção Executiva / Executive Production
Jaime Portas Vilaseca

Texto / Text
Clarissa Diniz

Montagem / Installing Production
Los Montadores

Plotagem / Plotting
Fast Bureau

Design do e-flyer e logo da exposição
Exhibition logo and e-flyer design
Maria Beatriz Machado

Fotos / Photos
Rafael Salim (**Exposição / Exhibition**)
Rodrigo Patrocínio (**Obras / Works**)

Projeto de Iluminação / Lighting Project
Antonio Mendel

PDF - Organização, Edição e Design
PDF - Organization, Editing and Design
Frederico Pellachin

© 2021 Portas Vilaseca Galeria

Jaime Portas Vilaseca

Fundador e Diretor

Founder and Director

+ 55 21 99926 3899

jaime@portasvilaseca.com.br

Manuela Parrino

Marketing e Vendas

Marketing and Sales

+55 21 98819 8906

manuela@portasvilaseca.com.br

Frederico Pellachin

Comunicação Institucional e Produção

Institutional Communications and Production

+55 21 98336 1984

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

Clara Reis

Produção e Vendas

Production and Sales

+55 21 99113 4465

clarareis@portasvilaseca.com.br

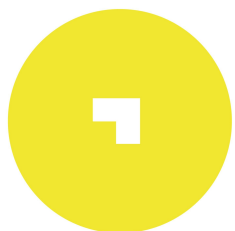
www.artsy.net/portas-vilaseca-galeria

www.facebook.com/portasvilaseca

Instagram: @portasvilaseca

Twitter: @portasvilaseca





PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

+55 21 2274 5965

www.portasvilaseca.com.br

galeria@portasvilaseca.com.br

Rua Dona Mariana, 137 casa 2

Botafogo 22280-020

Rio de Janeiro RJ Brasil

